

SEX AND AFFECTION IN THE DARK: EXPERIENCES OF MALE NOT-SEERS¹

Max Alecsander Costa e Adelma Pimentel²

RESUMO

O presente estudo buscou compreender o aspecto da sexualidade masculina dos não videntes a partir da escuta e análise dos depoimentos cotejados aos conceitos gestálticos de fronteiras e funções de contato. Trata-se de pesquisa exploratória de base qualitativa fenomenológica. Os informantes foram cinco homens entrevistados com perguntas abertas e roteiro semi-dirigido. O perfil foi de estudantes da escola estadual José Álvares de Azevedo, localizada em Belém do Pará e credenciada para atender e proporcionar suporte psico-educacional às pessoas portadoras de deficiência visual, de ordem congênita e adquirida. Para análise do material coletado elaboramos 10 categorias relacionadas ao tema da pesquisa. Das dez, foram analisadas sete. Entre os resultados, identificamos alguns pontos em comum entre essas falas, o que configura a intersubjetividade e no que tange às peculiaridades de cada um, observamos que a vivência dos sentimentos, anseios e emoções são os elementos de diferenciação da experiência.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade, não videntes, fronteira de contato, funções de contato.

ABSTRACT

This study sought to understand the aspect of male sexuality of not-seers from hearing the testimonies and compared to those Gestalt concepts of borders and liaison functions. This is an exploratory research based qualitative phenomenological. The informants were five men who were interviewed using open and semi-directed. The profile was high school students statewide José Alvares de Azevedo, located in Belém and accredited to attend and provide psycho-educational support to people with visual impairments in order congenital and acquired. To analyze the collected material elaborated 10 categories related to the topic of research. Of the ten, seven were analyzed. Among the results, we identified some common ground between these perspectives, what sets the intersubjectivity and with respect to the peculiarities of each, we observed that the experiences of feelings, desires and emotions are the elements of differentiation of experience.

KEY-WORDS: sexuality, not seers, contact boundary, contact functions.

¹ Artigo recebido em 29 de outubro de 2009. Aceito para publicação em 5 de dezembro de 2010.

² PHD pela Universidade de Évora/Pt. Docente da faculdade e do Mestrado de Psicologia da UFPA.

INTRODUÇÃO

Este texto está construído em duas seções interligadas. Na primeira apresentamos a compreensão do tema e alguns autores com os quais dialogamos. Na segunda, a pesquisa exploratória realizada sobre a sexualidade de homens não videntes.

Não vidente é quem não enxerga por disfunção visual, congênita ou adquirida. Quanto à sexualidade, entendemos que seu estudo transcende as limitadas disputas conceituais que autores vinculados a correntes biológicas travam com autores vinculados a concepções culturais e de gênero. Consideramos que a sexualidade é um campo polissêmico que requer diálogo e estudos em ambas as dimensões. É com este posicionamento que construímos as reflexões deste texto que trata da sexualidade de homens não videntes.

Acerca da identidade masculina, ao longo da história, sobretudo no mundo ocidental, esta foi construída sobre dois princípios fundamentais: não ser mulher e manifestar virilidade. Sobre este ponto, Ceccarelli (1998) ao citar o polêmico trabalho de Weininger, no final do século XIX, o aponta como relevante historicamente, pois influenciou toda uma geração ao levantar hipóteses avançadas para a época, buscando sintetizar, de forma ampla, um saber psico-biológico sobre o feminino e o masculino. Na obra de Weininger podemos depreender que tornar-se mulher é muito mais fácil do que a aquisição da virilidade: esta última nunca é definitivamente adquirida, devendo ser constantemente (re)conquistada, sob pena de ver a feminilidade recuperar terreno (CECCARELLI, 1998).

Estas ponderações iniciais permitem ressaltar que o homem ocidental, ainda hoje, apresenta uma herança cultural pautada no patriarcalismo presente nas famílias nucleares e na sociedade mais ampla; o que contribui para que o mesmo, por vezes, não se dê conta da importância de vivenciar a afetividade e a sua sexualidade fora do modelo heterossexual em que o pênis é o órgão vinculado ao prazer; bem como perceber que há um ônus psicológico

quando para diferenciá-la das figuras materna e feminina sustenta a construção dos seus processos de subjetivação apenas na agressividade e na virilidade.

Via de regra, para que esse processo possa ser alcançado o homem vale-se muitas vezes dos sentidos, sobretudo o visual, para escolher a “caça” mais atraente com a qual pretende se relacionar afetiva e/ou sexualmente. A compreensão deste modo usual de valorizar o sentido da visão é o objeto deste texto. Através de pesquisa qualitativa e exploratória indagamos *como os não videntes do sexo masculino vivenciam a sexualidade na ausência do sentido visual? Será que a sexualidade deve estar sempre voltada para o sentido visual?*

Em nossos dias, a sexualidade está bastante vinculada aos aspectos publicitários que são veiculados pela mídia, em que se leva em consideração todo um conjunto de padrões físicos e estéticos a serviço das práticas hedônicas. Entretanto, paradoxalmente a este fato, a sexualidade continua sendo um assunto delicado de ser tratado pelos indivíduos que compõem as sociedades ocidentais. Pois, ao mesmo tempo em que ela permeia o nosso imaginário, também nos suscita preconceitos, tabus, mitos e medos. Isso decorre de uma herança pautada na tradição judaico-cristã que nos legou uma visão dicotômica da mesma, ao concebê-la sob os prismas de pureza e impureza. Deste modo, a sexualidade “deveria” ser manifestada exclusivamente no casamento e apenas para fins reprodutivos. Logo, quaisquer práticas que não buscassem este fim eram/são condenadas.

Hoffman e Chagas consideram que *“o conceito de sexualidade até o final do século passado estava estreitamente ligado aos aspectos da genitalidade, e sua expressão deveria acontecer dentro do matrimônio, regulado por preceitos morais e religiosos”* (1996, p.1). Contudo, diversos campos do conhecimento já se voltaram para ela, tentando interpretá-la, analisá-la, compreendê-la ou mesmo explicá-la. Por exemplo, Foucault filósofo, contemporâneo, em seu livro *a História da Sexualidade – a vontade de saber* (1976/2006) fez

uma sondagem histórica sobre a sexualidade. Ele aponta o século XIX como o período em que a sexualidade passa a ser constituída como objeto de verdade, por meio dos discursos que são expressos através das relações de poder. Fazendo um contraponto entre as sociedades orientais e a nossa civilização ocidental, quanto aos modos de concebê-la, escreve:

Existem, historicamente, dois grandes procedimentos para produzir a verdade do sexo. Por um lado as sociedades – (...) China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabes-muçulmanas – que se dotaram de uma ars erotica. Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. (...). Dessa forma constitui-se um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discrição, pois segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado. Nossa civilização, pelo menos à primeira vista, não possui ars erotica. Em compensação é a única, sem dúvida, a praticar uma scientia sexualis. Ou melhor, só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão. O homem no Ocidente, tornou-se um animal confidente (p. 65-67).

Na perspectiva das pesquisas biosociológicas, a sexualidade humana é caracterizada pelo papel evolutivo. O biosociólogo Desmond Morris (1996) em seu livro *O Macaco Nu*, enumera alguns fatores que favoreceram as mudanças e, por conseguinte, moldaram o atual comportamento sexual do ser humano:

Limito-me a enumerar as seis mudanças básicas, fundamentais, que se deram na evolução do macaco pelado. E acredito que estas mudanças contém os ingredientes necessários para a confecção da nossa actual complexidade sexual. Para começar, os machos queriam contar com a fidelidade das fêmeas enquanto as deixavam sozinhas para irem caçar. Assim, estas tiveram de criar uma certa tendência para o acasalamento. Como os machos mais fracos também tinham de cooperar na caça, foram-lhes dados mais direitos sexuais (p. 70-71).

Podemos compreender que a estruturação presente na nossa sociedade atual de fidelidade e monogamia se processou a medida que os primeiros hominídeos foram condicionados ao meio em que viviam. Distinguindo os papéis sexuais do macho e da fêmea, presentes ainda hoje.

No campo da Gestalt-terapia a obra que destacamos é *Sexualidade Infantil: um enfoque gestáltico* de Moura (2006), que partindo de um estudo de caso busca compreender como o fenômeno sexualidade infantil é transmitido de mãe para filho. Este estudo evidenciou que a sexualidade em relação à mãe está rodeada de anseios e temores ligados as suas vivências. Refletindo na maneira com ela educa seu filho. Em relação à criança foi constatado que a mesma não restringe sua percepção da sexualidade pelo que é passado pela sua genitora no convívio familiar, ou seja, sua percepção vai mais além.

A propósito da sexualidade de não videntes podemos destacar os trabalhos de Bruns e Grassi (1991), Vitiello e Conceição (1993), Silva (1995) e Grassi e Bruns (1995). Nestes autores identificamos que ao estudar a sexualidade humana e do deficiente visual em particular, não podemos deixar de abordar alguns aspectos da corporeidade. Pois é no corpo que ela se expressa. O corpo humano transmite toda uma carga simbólica nos seus mais variados aspectos. Bruns (2001) aponta:

A sexualidade é a forma pela qual o humano realiza a existência de seu corpo, modo pelo qual entramos em contato com o mundo e que nos percebemos “sendo”. Não há outro meio de conhecer o corpo humano senão vivenciando-o. Assim, o corpo simboliza a nossa existência porque a realiza e é sua atualidade. Por isso, ao falarmos de sexualidade, remetemos nosso pensamento ao corpo (p. 4).

Ainda sobre a sexualidade dos não videntes observamos que é constantemente estigmatizada pela sociedade, em geral, e pela família, em particular. O contexto familiar poderia ser o primeiro ambiente a proporcionar um maior suporte em relação às expectativas e necessidades ligadas à sexualidade dos não-videntes. No entanto, como afirma Bruns (2008):

Para a família ter condição de atender às solicitações de seu filho, seja ele deficiente ou não, as instâncias políticas, econômicas e educacionais, detentoras do poder-fazer, precisam ser acionadas, para disponibilizarem meios e estratégias assertivas para, se for o caso a família aprender a lidar com a deficiência (p. 43).

Na contemporaneidade a sexualidade está bastante vinculada aos aspectos publicitários que são veiculados pela mídia, em que se leva em consideração todo um conjunto de padrões físicos e estéticos a serviço das práticas hedônicas. Segundo Bruns (2004) *“a sexualidade, que nunca foi tão explicitada pela mídia, utiliza como embalagem, uma espécie de fast food, um marketing sempre atualizado que associa êxito pessoal e profissional e vende a imagem de um ser humano bem sucedido, realizado e sedutor, uma espécie de mercadoria sempre ao alcance de todos”* (p. 22).

Esta consideração sugere que há uma valorização exacerbada da sexualidade, diretamente ligada aos aspectos visuais. Logo, os deficientes visuais muitas vezes considerados assexuados acabam sendo segregados por uma cultura que privilegia os aspectos visuais. Ambiguamente, temos que considerar outra problemática vivenciada pelo deficiente visual, pois estes não podem identificar a linguagem não verbal dos olhares. O olhar parece facilitar relações pessoais, posto que em uma determinada circunstância, pode ser um código de aprovação ou reprovação de uma possível interação. Com isso, entendemos que a falta do olhar que transmite aceitação ou não, pode influenciar a construção dos relacionamentos pessoais dos não videntes.

É oportuno indagar então: quais sentimentos vivenciam os não videntes em meio ao ambiente que privilegia o culto ao belo mediado pelo visual? A quais sentidos a vivência da sexualidade está vinculada? Como se dá o despertar da sexualidade dos deficientes visuais e de que maneira eles vivenciam suas experiências afetivo-sexuais?

Em gestalt-terapia os conceitos de fronteira e funções de contato são relevantes para se compreender como se dá a interação entre o organismo e seu meio. Logo, de acordo com Perls, Hefferline e Goodman (1951/1997) *“quando dizemos ‘fronteira’ pensamos em uma ‘fronteira entre’; mas a fronteira de contato, onde a experiência tem lugar, não separa o organismo e seu ambiente; em vez disso limita o organismo, o contém e protege, ao mesmo*

tempo que contata o ambiente” (p. 43). “A fronteira de contato não é algo fixo e não pertence nem ao organismo nem ao meio; é o que os conecta indissociavelmente” (D’ACRI; LIMA; ORGLER 2007, p. 117). Por sua vez, “a função de contato é a abertura por meio dos sentidos para vivenciar as trocas com o mundo” (D’ACRI; LIMA; ORGLER, 2007, p. 120).

Perls (1981) considerou que o conceito “limite de contato” é fundamental para termos uma compreensão adequada da maneira como o indivíduo relaciona-se com o seu meio circundante:

Ninguém é auto-suficiente; o indivíduo só pode existir num campo circundante. É, inevitavelmente, a cada momento, uma parte de algum campo. Seu comportamento é uma função do campo total, que inclui a ambos: ele e seu meio. O tipo de relação homem/meio determina o comportamento do ser humano (...). O meio não cria o indivíduo, nem este cria o meio. Cada um é o que é, com suas características individuais, devido a seu relacionamento com o outro e o todo (p. 31).

O organismo para expressar essa capacidade que lhe é inerente entra em contato com o meio, de modo a satisfazer suas necessidades de homeostase, entendida como um processo que flui, ou seja, quando uma necessidade é atendida imediatamente se destaca do fundo outra, o que seqüencia o ciclo de desequilíbrio-equilíbrio-reequilíbrio (PIMENTEL, 2003). É na interação com o seu meio circundante que o organismo irá estabelecer sua fronteira de contato e, por conseguinte, expressar suas funções de contato.

A PESQUISA

O método fenomenológico foi escolhido para ancorar a pesquisa realizada, pois este possibilita uma apropriação particular da realidade. A perspectiva da psicologia fenomenológica é baseada na epistemologia da compreensão e na intencionalidade da consciência, concebida como:

Um processo ativo, ou seja, consciência é ato, e, como tal, está sempre remetida ao mundo. (...) Sujeito e mundo se constituem mutuamente. Sendo assim, não há ato de

consciência sem um “objeto” como correlato. E, em contrapartida, não há objeto em si. A intencionalidade designa o fato de que toda consciência é consciência-de-alguma-coisa, e de que toda “coisa” é um objeto-para-uma-consciência (...) Portanto, em termos práticos, o método fenomenológico, alicerçado na intencionalidade, permite acessar o mundo de significados em correlação a um sujeito que vive neste mundo (D’ACRI; LIMA; ORGLER, 2007, p. 151).

Este princípio geral somado aos pressupostos da Gestalt-terapia foram necessários com suportes de análises do material coletado em campo. O **objetivo geral** do estudo foi apreender o conteúdo fenomenológico do discurso sobre a sexualidade elaborado pelos portadores de deficiência visual do sexo masculino. As categorias fronteira de contato e funções de contato foram consideradas na análise dos relatos experienciais.

Para realizar este trabalho, inicialmente, entramos em contato com a direção da escola estadual José Álvares de Azevedo, localizada no bairro de Batista Campos, única instituição governamental na região metropolitana de Belém credenciada para atender e proporcionar suporte psico-educacional às pessoas com deficiência visuais, de ordem congênita e adquirida.

Em seguida, apresentamos à direção da escola, via ofício, o propósito da pesquisa. Obtida a autorização para coleta relatos fomos encaminhados à psicóloga responsável pelo acolhimento dos estudantes, no turno da manhã. Ela descreveu o atendimento na instituição. Segundo a profissional, pela instituição passam, em média, cerca de trezentos alunos durante o ano.

A próxima etapa consistiu em participar por uma semana de reuniões com os alunos da escola para divulgar os objetivos do estudo. A fase da coleta propriamente dita foi iniciada com a seleção dos informantes e aplicação entrevista semi-aberta, focalizando aspectos afetivos e sexuais, e obtenção da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

A seleção dos estudantes obedeceu aos seguintes critérios: ser do sexo masculino; freqüentar assiduamente a instituição; ter deficiência plena, congênita ou adquirida. Para

localizá-los, abordei-os no pátio da escola explicando-lhes, o objetivo da pesquisa. Durante a abordagem a apreensão foi um sentimento vivido já que não queríamos constranger os informantes com a apresentação do tema da entrevista. No decorrer das visitas a instituição, o mesmo foi superado.

Após a obtenção do consentimento do estudante nos encaminhávamos para a biblioteca da escola, local onde ocorreram as entrevistas. Esta estratégia foi válida e serviu para conseguir a adesão dos demais participantes. As entrevistas individuais foram feitas nas terças e quintas-feiras, pela parte da manhã, durante duas semanas, sendo entrevistado um total de cinco estudantes.

O roteiro da entrevista incluiu os temas: abordagem do sexo feminino; expectativas quanto ao relacionamento; relação com a sexualidade; experiência afetiva; experiência de iniciação sexual; orientações sobre sexualidade; prevenção; sentidos e excitação sexual; limites da visão na vida afetiva e sexual e vida conjugal. Todas foram gravadas. Após transcrição selecionamos algumas falas nativas para análise. As identidades pessoais foram preservadas, sendo os entrevistados identificados pelos seguintes pseudônimos: Stevie; Ray; Bocelli; Galileu e Louis, de modo a garantir o sigilo ético desta pesquisa. O perfil destes participantes foi: faixa etária de 29 a 53 anos; atividades estudante e aposentado. As análises permitiram identificar para cada tema unidades significativas, que, na medida do possível, foram organizadas tendo em vista revelar uma compreensão da vivência da dinâmica psicológica singular e intersubjetiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abordagem do Sexo Feminino

Dos cinco entrevistados, quatro apresentaram, em suas falas, aspectos comuns, ao estarem interessados por uma mulher. Os quatro manifestaram o uso da comunicação verbal como forma de estabelecer um primeiro contato.

Ray, de 31 anos:

“Eu quando tô interessado em alguém, que alguma mulher me chama atenção eu chego logo nos papo pra ela, é... logo sou direto, eu né... falando o meu nome!”

Galileu, de 44 anos:

“Eu primeiro investigo a vida dela”. Pergunto se ela mora com os pais, com os irmãos, se ela já teve namorado, entendeu.

Louis, de 53 anos:

“Me aproximar e dialogar. Vou procurar dialogar.”

Somente um dos participantes comentou em seu depoimento, que além do diálogo, vale-se também do contato físico.

Stevie, de 53 anos:

“Quando a gente tá interessado tem que chegar perto dela, conversar, acariciar bem ela, porque a gente conversando e se acariciando é que as coisas andam. Só que nessa parte eu tô meio ruim. (...) Acho que desde os meus 24 anos. A potência né! Na hora da relação, nega fogo. Isso me prejudica e prejudica mais a mulher né, que às vezes ela tá excitada e quer e aí não dá. Aí ela se aborrece, mas é uma coisa complicada eu vou te dizer!”

Diante do que ele relatou compreendemos, em sua singularidade, a necessidade deste homem estar em constante contato com sua parceira. Sendo sua fronteira de contato, como destaca Polster&Polster (1979), mantida através da forma como se dá esse contato, e sua função tocar possivelmente afetada devido as suas relações sexo-afetivas não estarem atendendo as expectativas de sua parceira.

Outro, por sua vez, através de seu relato, apontou dificuldades em expressar contato devido à deficiência visual, mesmo estando interessado na pessoa. Permanecendo na expectativa de que esta tome a iniciativa.

Bocelli, de 29 anos:

“Eu... geralmente espero ela se manifestar, eu nunca dou tiro no escuro, eu não me saliento sem ter certeza, fiquei com certo medo depois da cegueira, (...) Eu espero, mesmo que eu esteja interessado, espero ela se manifestar primeiro, sabendo das minhas condições, a pessoas se manifesta primeiro.”

Na concepção de Ribeiro (2007), este depoimento recai em um bloqueio de contato, pois ao se apegar excessivamente a pessoas, idéias ou coisas e temendo sobressaltos diante do novo e da realidade, torna-se incapaz de explorar situações que flutuem rapidamente, permanecendo fixado em coisas e emoções, sem verificar as vantagens de tal situação.

Sexualidade

Na temática dos cinco entrevistados, três relataram que se valem principalmente da audição, como principal sentido, quando se sentem atraídos por alguém.

Bocelli, de 29 anos:

“Audição... E o interesse da pessoa, em tá perto de mim, a gente reconhece.”

Galileu, de 44 anos:

“É a voz! Porque a minha deficiência não dá. Então tem que ser pela voz.”

Louis, de 53 anos:

“O que me atrai muito no sexo feminino é a maneira de falar, a voz. (...) Talvez seja o modo delas falar, só que as vezes mexe com a gente.”

Logo, diante destes depoimentos compreendemos que eles se apóiam no que Polstre&Polster (1979) já afirmavam: “este escutar não é mais um escutar literal. Torna-se quase uma orquestração do escutar, baseado no escutar literal, mas respondendo tanto às nuances da voz quanto às seqüências de palavras e contextos de significados” (p. 134-135).

Dois dos entrevistados relataram que quando se sentem atraídos por alguém, eles utilizam principalmente o sentido tátil.

Stevie, de 53 anos:

“Agora a gente tem que usar as mãos né, pra chegar perto dela, porque sem o tato.. certo a gente não vai logo chegar e passando a mão né, tem que conversar primeiro...”

Ray, de 31 anos:

“O que nós utilizamos são os toques né, o toque...”

Estes relatos descritos expressam o que Polster e Polster (1979, p. 124-125) ponderam como sendo contato vitalizante: “o toque é o protótipo do contato. (...) Para nós, o contato quase vem a significar toque. (...) Experiências ‘de contato’, muito embora possam centrar-se em torno de um dos quatro sentidos, ainda envolvem um ‘toque’”.

Em relação à temática experiência de iniciação sexual, dos cinco entrevistados, três manifestaram, em seus relatos verbais, terem tido experiências boas ao iniciarem suas relações sexuais.

Stevie, de 53 anos:

“Olha a minha experiência foi boa sim...”

Ray, de 31 anos:

“Minha experiência, achei que foi ... não me lembro mais ... porque foi há uns 15 anos atrás, um pouco mais do que isso, mas acredito que foi bom... é porque foi com uma própria prima minha, entendeu.”

Louis, de 53 anos:

“Eu posso dizer que foi boa, comecei a fazer desde a adolescência, eu ainda morava no interior. “

Outro entrevistado descreveu a sua experiência como sendo agradável.

Galileu, de 44 anos:

“A primeira relação sexual, mas com idade? Foi... isso, gostei ... gostei.”

O outro entrevistado, por sua vez, expôs que iniciou sua experiência sexual com uma pessoa mais experiente do que ele. Não sendo, para ele uma experiência boa.

Bocelli, de 29 anos:

“Minha experiência de iniciação sexual foi sempre com pessoas mais velhas, e não foi muito boa logo no começo não!”

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Dos cinco entrevistados, três expuseram que apenas receberam na instituição.

Ray, de 31 anos:

“Olha no momento eu só recebi nas reuniões que acontecem aqui.”

Stevie, de 53 anos:

“Às vezes quando tem algumas palestras, às vezes, a psicóloga dá algumas palavras comigo né.”

Louis, de 53 anos:

“Eu vim receber já aqui, depois de adulto, depois de cego, aqui na escola.”

Estes depoimentos apóiam as conclusões do estudo feito por França e Azevedo (2003), o qual destaca a necessidade de implementação de programas de educação sexual para as pessoas portadoras de deficiência visual, afim de que possam desfazer preconceitos em relação à sexualidade.

Outro entrevistado relatou que só recebeu orientações de amigos próximos e familiares, exceto de seus pais.

Bocelli, de 29 anos:

“Só dos amigos. De pai e mãe nunca. Amigos, primos mais velhos.”

Enquanto outro entrevistado disse só receber orientações de seus familiares, principalmente de seu irmão mais velho.

Galileu, de 44 anos:

“A família dá, me explica, me explica, meu irmão mais velho explica.”

Sentidos e Excitação Sexual

Em relação à temática sentidos e excitação sexual, todos os cinco entrevistados apontaram o sentido como principal elemento iniciador de excitação sexual, cada um a seu modo.

Stevie, de 53 anos:

“Acho que até pela emoção (...) eu chego perto dela eu me... é aquela excitação.”

Ray, de 31 anos:

“É no toque, o toque, eu sempre costumo dizer que é um perigo um homem tocar numa mulher é mais antes o cara enxergar do que passar a mão, entendeu.”

Bocelli, de 29 anos:

“Através do toque, do toque, beijo caricias, né.”

Galileu, de 44 anos:

“Pelos tactos, é ...não ... como assim agora... Isso, pela voz também, o que faz parte né, a voz o cheiro.”

Louis, de 53 anos:

“Eu me excito sim, gosto do momento quando me aproximo assim de uma pessoa é como eu to te falando né, aí só da gente tocar na pessoa a gente já fica excitado.”

Limites da Visão

Os limites da visão na vida afetiva e sexual, observamos que dos cinco entrevistados, três expressaram que a ausência de visão não interfere na vida afetiva e sexual.

Ray, de 31 anos:

“Naturalmente que trás certas limitações, né. Porque o fato de tu não enxergar já te faz tu ser limitado, mas não incapaz, então isso te trás, mas tu tens que usar o teui limite, entendeu, então isso pra mim não tem como eu costume dizer, pra mim não tem problema, não trás.”

Galileu, de 44 anos:

“Na vida afetiva e sexual na atrapalha.”

Louis, de 53 anos:

“Sexual não atingiu nada”

Outro entrevistado relatou que a sua falta de visão só afeta a sua vida social não interferindo na sua vida sexual.

Bocelli, de 29 anos:

“Não a sexual. Atrapalha a vida cotidiana, eu vivo preso porque eu não ando na rua, e não tenho amizade com todo mundo.”

Enquanto outro entrevistado expôs em seu relato que a falta de visão interfere tanto em sua vida afetiva quanto sexual.

Stevie, de 53 anos:

“Faz muita falta sim, muito mesmo, tem hora que eu fico até pensando assim, que eu não paro muito pra pensar par gente não pensar muita besteira né.”

Conjugalidade

E com relação à temática vida conjugal dos cinco entrevistados quatro afirmaram, em seu depoimentos, manterem uma vida conjugal estável, sendo que apenas um relatou não estar tendo um relacionamento estável, visto que estava iniciando um, com uma mulher não vidente.

Ray, de 31 anos:

“Atualmente sim, é...não... minha namorada é dez, graças a Deus!”

Stevie, de 53 anos:

“...a minha vida é norma. Apesar que o meu jeito é assim, eu não sou de falar né, mas ela fala mais ela é mais estressada.”

Bocelli, de 29 anos:

“Com a moça, a gente conversa normal... quando ela vem..normal, sem briga sem discussão.”

Louis, de 53 anos:

“ Com certeza... sou casado... sou casado pela terceira vez.”

Galileu, de 44 anos:

“Comecei agora né, comecei agora, é recente. To namorando, to conhecendo a pessoa melhor, ainda não pode ser considerada uma relação estável.”

CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou compreender alguns aspectos do fenômeno sexualidade masculina do não vidente à luz dos conceitos da Gestalt-Terapia. No que tange aos objetivos propostos considero ter alcançado tal inferno, uma vez que, possibilitou desvelar, a partir do discurso dos entrevistados, uma gama de sentimentos, emoções e anseios por eles vivenciados e manifestados a partir da sexualidade de cada um.

Diante disto, é necessário considerar que a sexualidade tanto de videntes quanto de não videntes continua a sofrer a pesada influencia de um conjunto de preceitos, valores morais, éticos e culturais, construídos ao longo do processo histórico, político e cultural de cada sociedade. Assim, os homens videntes e não videntes acabam tendo que internalizar esses ensinamentos e praticas à sexualidade.

Na sociedade ocidental é bastante comum se verificar pressões da família, da mídia, dos grupos sociais em relação aos homens no que diz respeito principalmente à aproximação das mulheres, experiência afetiva e iniciação sexual. Prescrições do tipo,

“homens devem sempre tomar a iniciativa ao se aproximarem de uma mulher”, são comuns nos processo educativo informal e formal. Um propósito delas é a manutenção de relações verticais entre gêneros e a reafirmação do poder masculino de conquistar e dominar.

Outras normas impostas ao homem são: não devem expressar abertamente suas emoções e afetos, sendo moldados para apresentar apenas comportamentos austeros e rigorosos; devem sempre, que possível, perder a virgindade o quanto antes e ter um maior numero de relações sexuais possíveis com diversas parceiras.

Logo, diante de tudo que foi exposto neste trabalho espero que o mesmo possa dar luz à outros que pretendam trilhar a mesma temática da sexualidade relacionada à deficiência visual. Posto que considero este fenômeno é inesgotável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNS, M. A. T. **Sexualidade de cegos**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2008.
- BRUNS, M. A. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade preconceito, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas, SP: Editora Átomo, 2004.
- BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. F. C. Sexualidade: Discurso Do Corpo? Um Estudo De Caso. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 2. n.1, p. 79-92, 1991.
- BRUNS, M. A. T.; LEAL FILHO, B. A. Sexualidade e o Significado do Olhar. **Viver Psicologia**, v. 2, n. 4, p. 30-33, 1994.
- BOZON, M. **Sociologia da Sexualidade**. São Paulo: FGV Editora, 2004.
- CECCARELLI, P. R. A. Construção Da Masculinidade. **In Percurso**, n.19, p. 49-56, 1998.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.
- SILVA, L. M. O Comportamento Sexual de Homens de Baixa Renda com Disfunção Erétil. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 6, n. 1, p. 114-126, 1995.
- D'ACRI, G.; LIMA, P; ORGLER. S. **Dicionário de gestalt-terapia**. São Paulo: Editora Summus, 2007.
- DALL'AGNOL, R. S. A Sexualidade no Contexto Contemporâneo: Permitida Ou Reprimida? **Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 4, n. 2, p. 26-31, 2003.

FERRAZ, M. S. A. O corpo em Merleau-Ponty: a dimensão carnal do mundo. **Mente Cérebro & Filosofia**. São Paulo: Duetto Editorial, 2006.

FOCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 17. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal. 2006. Tradução de ALBUQUERQUE, M. T. C.; ALBUQUERQUE, J. A. G. Publicado originalmente em 1976.

FOCAULT, M. Lê sujet et lê pouvoir. In: **Dits et écrits**, v. IV (1980-1988). Paris: Gallimard, 1994.

FRANÇA, D. N. O.; AZEVEDO, E. E. S. Imagem Corporal e Sexualidade de Adolescentes com cegueira, Alunos de Uma Escola Pública Especial em Feira de Santana, Bahia. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**. v. 2, n. 2, p. 176-184, 2003.

GAIARSA, J. A. **O que é corpo?** São Paulo: Brasiliense, 1996.

GRASSI, M. V. F. C.; BRUNS, M. A. T. Sexualidade Masculina: Misterioso Silêncio. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 6, n. 2, p. 243-257, 1995.

GARCÍA ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

HOFFMANN, S. B.; CHAGAS, E. R. C. Corpo, Sexualidade e Deficiência. **Movimento**. v. 3 p. 1-7, 1996.

LAZZARINI, E. R.; VIANA, T. C. **O conceito psicanalítico de corpo ou, de que corpo trata a psicanálise?** In: Anais do IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise, 2005. São Paulo.

MORRIS, D. **O macaco nu**. 13. ed. Rio de Janeiro: Record. Tradução de H. Neves, 1996.

MOURA, C. F. **Sexualidade infantil: um enfoque gestáltico**. UFPA: Belém Trabalho de conclusão de curso em Psicologia. Não publicado, 2006.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar. Tradução de J. Sanz, 1973.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PETCHESKY, R. P. Direitos Sexuais: Um Novo Conceito na Prática Internacional. In: PARKER, R. M. B.; RICHARD. Sexualidade pelo Averso: direitos, identidades e poder. 34. ed. Rio de Janeiro: IMS/ UERJ, 1999.

PIMENTEL, A. **Psicodiagnóstico em Gestált-terapia**. São Paulo: Summus, 2003.

PONTY, M. **A fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

POLSTER, E; POLSTER, M. **Gestalt terapia integrada**. Belo Horizonte: Interlivros. Tradução de R. B. Rocha, 1979.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato**. 4. ed. rev. São Paulo: Summus, 1997.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.

VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I. S. C. Manifestações da sexualidade nas diferentes fases da vida. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 4, n. 1, p. 47-59, 1993.